

FAMECOS

**Revista
da ADPPUCRS**

Porto Alegre, n.º 5, p. 57-62, dez. 2004

Mídia e sensacionalismo: uma relação semiológica

ROBERTO RAMOS*

RESUMO: No diagrama de suas limitações, o presente ensaio agenciar-se-á nas relações entre a Semiologia barthesiana e a Mídia. Refletirá sobre algumas categorias básicas, que as simbiotizam, como o *Fait Divers*.

Palavras-chave: Estrutura, Mídia, *Fait Divers*.

A expressão francesa *Fait Divers* designa, em sua generalidade, a informação sensacionalista. Ela é bem anterior ao advento da Mídia impressa. Já existia em diferentes produções culturais, na Idade Média, habitando os cantos dos menestréis.

O *Fait Divers* é a informação sensacionalista. Expressa conflitos, através da Causalidade e da Coincidência. Interpela a emoção do receptor, independentemente de seu estilo jornalístico.

Angrimani (1994, p. 27) observa que, em 1631, a *Gazette de France* lançou “edições extraordinárias de grandes tiragens, consagradas aos *fait divers*

sensacionais”. Depois desse jornal, os editores dos outros passaram a publicá-los, com mais intensidade, para aumentar seus rendimentos.

Na literatura, o *Fait Divers* inspirou os heróis de Balzac; as novelas de Flaubert, tal como *Madame Bovary*, e o romance de Stendhal *O Vermelho e o Negro*. Proporcionou a Beauvoir e Sartre material para seus textos e Breton usou essa estrutura na poesia. Muitos outros escritores, também, sofreram sua influência, assim como artistas que pintaram suas obras, baseadas em *Fait Divers*, salienta Walker (1995).

* Programa de Pós-Graduação da Famecos,

Inspirado em Habermas, Lattman-Weltman (2002, p.11) observa três fases da Mídia brasileira:

- a) Pré-capitalista: 1808, com o surgimento da Gazeta do Rio de Janeiro, trabalhando pequenas informações;
- b) Oposição e Opinião: a partir do Correio Braziliense, também em 1808, marcando a fase panfletária;
- c) Industrialização: a partir dos anos 50, do século XX, através da massificação midiática, como um sistema impresso e eletrônico.

O *Fait Divers* está presente nas três fases. Surge no momento pré-capitalista, com a Gazeta do Rio de Janeiro. Mantém-se no discurso oposicionista da fase panfletária com o Correio Braziliense e alcança a industrialização, sobretudo a partir do jornal Última Hora.

Também vem ganhando generosos espaços na Mídia eletrônica. O Plano Real, ao estabilizar a moeda, a partir de 1994, ensejou a aquisição 40 milhões de aparelhos de televisão, sobretudo às classes D e E, até então marginalizadas da janela eletrônica.

Tal repercussão econômica conviveu com um outro fator conjuntural importante. O surgimento e a ampliação dos canais por assinatura, com novas ofertas de programas, são decisivos. Contribuem para uma mudança dos canais abertos, que, por razões econômicas e ideológicas, passam a investir no Sensacionalismo.

A década de 90 assiste à onipresença da estética sensacionalista, tendo o *Fait Divers* como a tipologia básica da informação. Foram os casos dos telejornais, Aqui e Agora, já extinto no SBT, Cidade Alerta, na Record, e Brasil Urgente, da Bandeirantes. Também os *Talk-Shows* aderiram, como o Programa do Ratinho,

hoje no SBT, e Hora da Verdade da Bandeirantes, entre outros.

A Globo, tão orgulhosa de sua pretensa imagem de padrão de qualidade, cedeu à tentação do Sensacionalismo. Colocou no ar o Linha Direta, em 1999, para explorar o sangue e as fraturas expostas dos conflitos sensacionalistas, com toda a moldura tecnológica.

Ao longo do século XX, muitos teóricos de diferentes procedências epistemológicas reconheceram o papel do *Fait Divers*. Procuraram estudá-lo, como invariância na produção discursiva da Mídia. Cabe lembrar, entre outros, Edgar Morin, Jean Baudrillard e Michel Maffesoli. Ficaram, em suas diferentes abordagens, na superfície conceitual. Foi, porém, Roland Barthes que buscou tecer, com os fios da Semiologia, uma teorização, com completude e com incompletude.

Barthes (1971) transgrediu o perímetro conceitual. Arrumou-lhe uma tipologia básica, organizada por duas categorias: Causalidade e Coincidência. Ambas se subdividem em subtipos, direcionados para a compreensão da excepcionalidade, introdutora da noção de conflito.

O primeiro tipo, o *Fait Divers* de Causalidade, apresenta duas manifestações:

- a) *Causa Perturbada*: há o desconhecimento causal ou quando uma pequena causa provoca um grande efeito;
- b) *Causa Esperada*: quando a causa é normal, a ênfase recai nos personagens dramáticos – criança, mãe e idoso (BARTHES, 1971, p. 276-271).

Na Causa Perturbada, a excepcionalidade está localizada no porquê da factualidade. Existe um efeito, porém a causa é desconhecida ou deformada pela imprecisão ou pela ilogicidade. Em

quaisquer das possibilidades, existe a formalização de uma situação de conflito.

O conflito vem à tona pela factualidade. Materializa-se, narcisicamente, no presente, porém conserva o motivo, recalçado, submerso no passado. O determinado é visto, solidificado pelo fato, embebido pela historicidade; o determinante, oculto, abstrato, deixando somente os indícios de seus domínios.

Verifica-se que há, formalmente, a estruturação de uma situação conflituosa. Esta interpela e obtém reconhecimento não apenas pelo dito, mas, primordialmente, pela forma de dizer. Ocorre representação da dialética da subjetividade: a consciência é o dito, o efeito, o factual, o denotado, o determinado; a Inconsciência, o não-dito, a causa, o contexto, conotado, determinante.

A condição de sujeito é uma condição conflituosa. O interpelado se reconhece nesta factualidade, trazida pelo *Fait Divers*. Ele é, também, um efeito, em nível de consciência, com causas desconhecidas, imprecisas e ilógicas, mantidas no Inconsciente. Ao se reconhecer, vive o que está fora, como se fosse seu – Identificação Projetiva –, que enseja a Catarse.

Na Causa Esperada, a excepcionalidade troca de posição. Desloca-se para os protagonistas, que são responsáveis pela instauração do conflito. A dramaticidade apanha três tipos de sujeitos básicos: criança, mãe e idoso. Eles mimetizam os diversos ciclos do processo do existir humano.

A criança, a mãe e o idoso simbolizam a fragilidade e a pureza humanas, decodificadas na dimensão do bem. Por suas próprias características, eles estão revestidos de circunstâncias, pronunciadas pela dramaticidade.

Constata-se que, no *Fait Divers* de Causalidade, através da Causa Perturbada e da Causa Esperada, existe a estruturação de

um conflito, não classificado pelo conhecimento humano. Torna-se inexplicável aos recursos da racionalidade e dos pressupostos da intelectualidade, ficando ininteligível na dimensão histórica.

Os sujeitos relativos não conseguem ter respostas para a situação conflituosa estabelecida. Ficam impotentes, sem recursos de compreensão. Recorrem a um Sujeito Absoluto, tal qual na Tragédia Grega, quando um *Deus-ex-Machina* entrava em cena, para contornar os impasses incontornáveis historicamente. Prevalece a lógica da Fatalidade.

A Fatalidade é o Sujeito Absoluto, o grande pai transcendental, que possui a explicação para o inexplicável. Representa a iluminação do oculto, o conhecimento do desconhecido pela onisciência e onipresença. Assume a responsabilidade sobre todas as coisas e a plenitude do todo. É o fiador perfeito para todas as imperfeições, inscritas na relatividade histórica da sujeição.

Tudo está pronto e harmonizado na Fatalidade. É o espelho por excelência. Interpela os sujeitos relativos, que se reconhecem, com liberdade, no seu poder e se tornam submissos diante do seu pleno e indizível saber, causa de todas as causas e suprema revelação de quaisquer enigmas de subjetividade.

No *Fait Divers* de Causalidade, pelas singularidades da Causa Perturbada e da Causa Esperada, existe a estruturação de conflitos que interpelam. São reconhecidos, porque reproduzem a dialética da subjetividade. Ensejam, por conseguinte, a Identificação Projetiva, que possui um final feliz, uma saída catártica: a Fatalidade, o Sujeito Absoluto, garantia de harmonização e suprema desculpa para todas as culpas, desde que, com liberdade, seja pago o dízimo da submissão.

O segundo tipo, proposto por Barthes (1971, p. 271-274), é o *Fait Divers*

de Coincidência, subdividido em duas manifestações:

a) *Repetição*: é o igual, que se reproduz com diferença, conforme Lacan (1996), no âmbito de uma matéria jornalística;

b) *Antítese*: duas perspectivas diferentes, distantes, antagônicas, são fundidas em uma única realidade. Uma de suas formas de expressão é o Cúmulo (a má-sorte), figura da Tragédia Grega.

A Coincidência despe o homem de sua responsabilidade histórica. Conforta-o com a irresponsabilidade, desculpando as suas próprias culpas. Permite-lhe regredir a um estágio de menor idade que lhe assegura a omissão diante de seus atos. É a garantia de transferir a responsabilidade para uma noção de Fatalidade.

A Repetição da factualidade, sem uma logicidade histórica, remete para a noção de Coincidência. O repetir não é a reprodução do original, como cópia, porém a sua reprodução com diferenças no desigual. Insinua a onipresença da factualidade, que se mantém em quaisquer circunstâncias.

O Inconsciente se reconhece, através da Identificação Projetiva, não pela reprodução do evento, originalmente recalcado, mas por uma analogia formal do enfoque conflituoso. É onipresente, porque conserva o Mito pela repetição na desigualdade de diferentes circunstâncias.

A Antítese mistura os opostos, os antagônicos em uma mesma dimensão do real. Os dissociáveis se tornam indissociáveis, como se fossem gêmeos univitelinos. Os desiguais ficam igualados por uma inteligência não-materializada, sem significação corpórea, que reina na abstração. Uma de suas pronúncias é o Cúmulo, em que o trágico faz as vítimas.

Verifica-se que a Repetição e a Antítese estabelecem a Coincidência,

reproduzindo a linguagem trágica, com o *Deus-ex-Machina*, tal qual faz o *Fait Divers* da Causalidade. Mesmo com outras particularidades, agora também o caminho é igual: a Fatalidade do Real como Sujeito Absoluto, para desatar os nós coincidentes.

Os dominantes e os dominados, ricos e pobres, belos e feios compõem um rebanho harmônico, apesar de suas divergências. Possuem o mesmo ancoradouro. Compartilham, pelos atalhos da Causalidade e da Coincidência, do mesmo caminho: a Fatalidade, uma categoria de fácil disponibilidade e de elástico uso no Senso Comum.

Na teorização de Barthes (1971, p. 299) sobre o *Fait Divers*, o conceito de estrutura é essencial. Ele o explica da seguinte modo:

A estrutura é, pois, na verdade um simulacro do objeto, mas um simulacro dirigido, interessado, uma vez que o objeto imitado faz algo que permanecia invisível, ou se preferirmos, ininteligível no objeto natural.

Barthes realiza um simulacro dirigido do *Fait Divers*. Dá-lhe um conceito. Oferece-lhe estrutura com duas categorias: a Causalidade e a Coincidência. Ambas estão direcionadas para a classificação da excepcionalidade, fixada na dimensão do conflito, respectivamente, através da Causa Perturbada e Causa Esperada, da Repetição e da Antítese. Revela-lhe a Fatalidade do Real, como Sujeito Absoluto, análogo ao *Deus-ex-Machina* da linguagem trágica.

Na abordagem estruturalista, o mais importante não é o dito. As histórias, os protagonistas e as circunstâncias são variáveis no tempo e no espaço. São perecíveis. O que importa é a estrutura, a forma de dizer, o significante invariante, que tem permanência perante quaisquer possibilidades de mutação.

Vale destacar que não existe uma estrutura pura. Em qualquer *Fait Divers*, é

possível encontrar características simultâneas de Causalidade e de Coincidência em interação. Nessa interação, todavia, há uma estrutura invariante, determinante da abordagem e identificada, por conseguinte a sua tipologia e a sua conseqüente tipologia.

Em relação ao *Fait Divers* de Coincidência de Repetição, permite dois modos de aplicação. O primeiro se estrutura por qualquer facticidade, que se repita, o segundo se refere a qualquer tipo de *Fait Divers*, quando repetido. Esse, no caso, passa a ter duas estruturas, determinando duas tipologias simultâneas, uma delas, dependendo da situação, deverá prevalecer, constituindo uma classificação específica.

Barthes (1971) enfatiza que o *Fait Divers* possui um consumo imediato. Notabiliza-se pela sua imanência. É fechado no seu próprio contexto, que é a única dimensão do seu saber. Não reivindica nada, que possa transcender o seu próprio território. Está preso no presente, cristalizado no aqui e no agora. É, por excelência, narcísico.

O *Fait Divers*, em suas diferentes manifestações, é utilizado na Mídia, com diversas abordagens. Aparece no tratamento da realidade e da ficção, seja nas telenovelas, nos telejornais, nos *talk-shows*, nos programas de humor, no noticiário da Imprensa e na Publicidade.

O *Fait Divers* é, por natureza, sensacionalista. Tanto pela Causalidade – Causa Perturbada e Causa Esperada –, e pela Coincidência – Repetição e Antítese –, interpela pela emoção. As suas estruturas são constituídas pelas anomalias e pelas excepcionalidades, marcadas, em essência, pela valorização do espetacular.

Em maior ou menor grau, a Mídia é sensacionalista por natureza. É o agente da interpelação que busca o reconhecimento do interpelado e a sua conseqüente submissão. Está também submetido à audiência, aos patrocínios e ao lucro. À medida que a mensagem se encontra

dominada pelo Valor de Troca, transforma-se em mercadoria. Não há como ela abdicar do Sensacionalismo, explícito ou implícito, mas presente.

O *Fait Divers* se compatibiliza com a linguagem televisiva. Nessa, a imagem concisa, com a supremacia da exterioridade, em que reina a facticidade, expressa pelo presente, a interpelação narcísica. A Televisão e o *Fait Divers* estão voltados para mostrar e não demonstrar. Não solicitam nenhuma reflexão aprofundada, pois se notabilizam pela superficialidade, marcada pelo signo da emoção.

O *Fait Divers*, em suas várias pronúncias, tem um Sistema de Significação, que denota a facticidade presente, embebida pelo conflito. Possui uma interpelação narcísica com o receptor, que identifica, projetivamente, os seus conflitos inconscientes no formato conflitante da informação.

O Poder, no *Fait Divers*, é a expressão do domínio do individualismo manietado pela emocionalidade. Não importa o uso da razão. O que conta e dá saldo é a exploração das emoções, reprimidas no Inconsciente, que emergem através da Identificação Projetiva, responsável pela Catarse.

BIBLIOGRAFIA

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue- Um Estudo do Sensacionalismo na Imprensa*. São Paulo: Summus, 1994.

BARTHES, Roland. *Ensaio Críticos*. Lisboa: Edições 70, 1971.

LACAN, Jacques. Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise, Seminário, livro 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando apud HOHLFELDT, Antonio e BUCKUP, Carolina. *Última Hora- Populismo Nacionalista nas páginas de um Jornal*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

WALKER, David H. *Outrage and Insight – Modern French Writers and the Fait Divers*. Oxford/ Washington: Berg Publishers, 1995.

